



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO
PRÓ-REITORIA DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA
SECRETARIA DE PÓS-GRADUAÇÃO CESAD
REDE DE ALTOS ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA
ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS INFANTO-JUVENIS NO AMBIENTE ESCOLAR
(ESCOLA QUE PROTEGE)**

**LUZIA CRISTINA DE MELO SANTOS GALVÃO
MARIA SHIRLEY DE MELO OLIVEIRA**

**CICLO DE PALESTRAS PARA PROFESSORES, PAIS E ALUNOS SOBRE O USO
DAS DROGAS NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MANOEL
BOMFIM**

São Cristóvão – SE
2015

**LUZIA CRISTINA DE MELO SANTOS GALVÃO
MARIA SHIRLEY DE MELO OLIVEIRA**

**CICLO DE PALESTRAS PARA PROFESSORES, PAIS E ALUNOS SOBRE O USO
DAS DROGAS NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MANOEL
BOMFIM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em forma de Plano de Intervenção, em cumprimento a uma das exigências para obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Direitos Infante-Juvenis no Ambiente Escolar (Escola que Protege).

Eixo temático: Violência, drogas e evasão escolar.

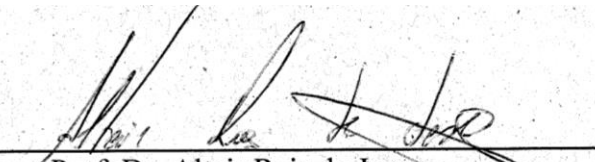
Orientador: Prof. Dr. Altair Reis de Jesus

São Cristóvão – SE
2015

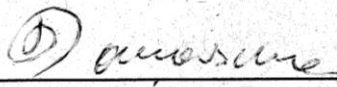
COMISSÃO JULGADORA

Plano de Intervenção das docentes Luzia Cristina de Melo Santos Galvão e Shirley de Melo Oliveira intitulado CICLO DE PALESTRAS PARA PROFESSORES, PAIS E ALUNOS SOBRE O USO DAS DROGAS NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MANOEL BOMFIM, apresentado como requisito para obtenção do grau de especialista pela Universidade Federal de Sergipe.

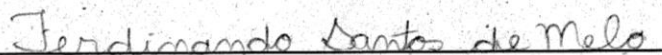
Banca Examinadora



Prof. Dr. Altair Reis de Jesus
Presidente



Prof.^a. Dr.^a. Adriane Álvaro Damascena
Membro Titular



Prof. Dr. Ferdinando Santos de Melo
Membro Titular

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus pela vida, sabedoria, força, saúde, família e todos as experiências boas que ele colocou em nosso caminho.

A nossa família, nosso alicerce!

Aos professores do curso que nos ajudaram transmitindo seus conhecimentos, somos gratas por isso.

A todos que compõem o ambiente da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Manoel Bomfim, em especial as coordenadoras e as professoras que nos receberam de braços abertos.

Ao Curso de Especialização em Direitos Infante-Juvenis no Ambiente Escolar (Escola que Protege) / CESAD/UFS, pela oportunidade de nos oferecer este maravilhoso curso e nos mostrar novos caminhos para a aprendizagem.

Ao nosso orientador Altair, pelas orientações dadas.

Aos tutores do curso, em especial, à Sheila, à Alessandra, à Darlene e ao Washigton, obrigada pelas orientações e pelo *feedback* em todos os momentos do curso.

Nosso obrigado a todos!!!

RESUMO

O uso de drogas no ambiente escolar é um fenômeno social dos mais relevantes na atualidade que necessita ser estudado. Esta situação torna-se mais visível em escolas públicas em especial situadas em periferias, onde observamos um número maior de famílias com baixo poder aquisitivo, convivendo diariamente com elevados casos de venda ilegal de drogas lícitas e ilícitas. Este plano de intervenção teve como foco a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Manoel Bomfim, localizada no Conjunto Bugio, situada na Zona Norte do Município de Aracaju- SE. Para a elaboração do projeto, foram coletados dados da coordenação e de seis professores da instituição de ensino em questão. Com isso, o objetivo desse Plano de Intervenção é expor aos sujeitos que fazem parte do ambiente escolar (alunos, professores e pais) os danos provocados pelo uso de drogas lícitas e ilícitas como um meio de prevenção ao uso dessas drogas. Para tanto, os objetivos específicos do projeto foram: observar algumas características relevantes para a pesquisa no ambiente escolar; identificar se os professores já trabalharam ou trabalham com a temática “drogas” em sala de aula; levantar dos professores algumas informações sobre o uso de drogas pelos alunos; organizar palestras sobre as consequências no uso das drogas. Para a coleta de dados foram utilizados a observação do ambiente de pesquisa; entrevista feita com a coordenadora pedagógica da escola; e um questionário que foi aplicado aos professores com o objetivo de coletar deles algumas informações para a elaboração de um Plano de Intervenção. Este será organizado em forma de ciclo de palestras que serão aplicadas em dois sábados letivos da escola, sendo que neste, os pais dos alunos também serão convidados a participar. Neste sentido, é conclusivo que o Plano de Intervenção aqui apresentado mostra-se relevante ao ambiente escolar em questão, pois, com base nas concepções dos professores, é importante que sejam passadas informações necessárias aos pais, aos alunos e aos próprios professores sobre o tema “drogas”, objetivando apresentar os riscos, os danos e os efeitos destrutivos provocados pelo uso contínuo dessas substâncias.

Palavras-chaves: Alunos, Drogas, Escola, Pais, Professores.

ABSTRACT

Drug use in the school environment is a social phenomenon of the most important at present that needs to be studied. This situation becomes more visible in public schools, in particular, located in the suburbs, where we observe a higher number of families with low income, living daily with high cases of illegal sale of drugs licit and ilícitas. This intervention plan was focused on the Municipal Elementary School (EMEF) Manoel Bomfim, located in Bugio set, situated in the north of the city of Aracaju- SE. For the preparation of the project, we collected data coordination and six teachers of the educational institution in question. Thus, the aim of this intervention plan is to expose to the individuals that are part of the school environment (students, teachers and parents) the damage caused by the use of drugs licit and ilícitas as a means of preventing the use of these drugs. For this, the specific objectives of the project were: to observe some relevant features for searching in the school environment ; identify whether teachers have worked or work with the theme " drug " in the classroom ; raise of the teachers some information about drug use by students ; organize lectures on the consequences of the use of drugs. To collect data were used: to observation the research environment; interview the educational coordinator of school and the questionnaire was applied to teachers in order to collect them some information for the preparation of the Intervention Plan. This was arranged in the form of cycle of lectures that will be applied in two academic Saturday school , and in this , the parents will also be invited to participate. For the lectures will be invited experts on the theme. In this sense, it is conclusive that the Intervention Plan presented here shows to be relevant in the school environment in question, since , based on the views of teachers, it is important that information required to be passed to parents, students and teachers themselves on "drugs", aiming at presenting the risks, damages and the destructive effects caused by the continued use of these substances.

Keywords: Students, Drugs, School, Parents, Teachers.

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1: Localização e bairros dos distritos em Aracaju	10
Tabela 2: Perfil dos sujeitos que irão participar das palestras.....	29
Tabela 3: Palestras com os temas que serão abordados no projeto de intervenção	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
Procedimentos metodológicos.....	11
CAPÍTULO 1: AS DROGAS NO AMBIENTE ESCOLAR: REALIDADES E DESAFIOS	14
1.1 - O uso de drogas: uma breve análise histórica e social.....	14
1.2 - O papel da escola e da família no processo de educação escolar.....	20
1.3 - A violência no ambiente escolar	22
CAPÍTULO 2: DIAGNÓSTICO DO USO DE DROGAS E VIOLÊNCIA NO COLÉGIO	
EMEF MANOEL BOMFIM	25
2.1 – Características físicas do colégio.....	25
2.2 - Dados da análise do Projeto Político Pedagógico da escola	25
2.3 – Dados da entrevista com a Coordenadora pedagógica.....	27
2.4 – Dados dos questionários aplicados para os professores	29
CAPÍTULO 3: PLANO DE INTERVENÇÃO: UMA ALTERNATIVA EM MEIO AOS	
DESAFIOS	33
3.1 – Organização do Plano de Intervenção	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
Apêndice 1.....	38
Apêndice 2.....	38
Apêndice 3.....	39

INTRODUÇÃO

O uso de drogas pelos jovens e pelas crianças não acontece de uma hora para outra. Para que ocorra este uso é necessário que crianças e jovens entrem em contato com essas substâncias, situação esta que pode ocorrer em diversos ambientes, como ruas, escolas e até mesmo no próprio convívio familiar. A escolha do tema procura evidenciar a questão da prevenção do uso de drogas nas escolas do Ensino Fundamental, principalmente em razão das estatísticas apresentadas, na qual os adolescentes estão se envolvendo cada vez mais cedo com algum tipo de droga. Por essa razão, percebe-se a importância desse componente curricular nas propostas educacionais.

De acordo com artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de dezembro de 1996, os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum e uma parte diversificada. Esta última, que deve ser desenvolvida em cada sistema de ensino, deve atender as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (BRASIL, 1996). Dentro dessa parte diversificada os sistemas escolares de ensino podem, usando sua autonomia, incluir projetos de prevenção do uso de álcool e outras drogas. Com isso, é de fundamental importância que o assunto “drogas” esteja presente no cotidiano escolar, nas suas diferentes atividades curriculares. Esta situação é necessária, uma vez que esse tema está incluído nas ações de promoção à saúde, considerando que a iniciação do consumo de drogas mostra-se como fator de risco.

Segundo a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS)¹, droga é qualquer substância não produzida pelo organismo que tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento, levando também a um hábito vicioso. Muitas vezes, quando os pais ou professores recebem a informação de que um adolescente “está usando drogas”, ficam aflitos na busca de qual medida adotar. Por isso é importante trabalhar a questão da prevenção, para que diante de um fato como esse seja necessário examinar cuidadosamente a situação.

Para Carlini-Marlat (2005) quando a categoria social é a juventude a questão do uso da droga apresenta um cenário que merece uma atenção especial em razão das perversas estratégias de marketing que o setor industrial aplica no condicionamento e programação de jovens em formação dos principais valores pessoais e sociais, objetivando aumentar o consumo do álcool e do tabaco e, por conseguinte, auferir grandes lucros.

¹ Esta informação foi retirada do site <http://www.who.int/countries/bra/es/>

A gravidade do problema do uso de drogas pela juventude assume uma dimensão mais preocupante quando se trata do caso de drogas ilícitas, pois uma de suas facetas é a produção e o tráfico de drogas o que atrai e arregimenta a juventude socialmente excluída em razão da identidade e da inserção na sociedade capitalista de consumo. É preciso esclarecer de que droga se trata, em que circunstância e intensidade o uso é feito e qual o significado dele para o adolescente (CARLINNI-MARLAT, 2005).

Dessa forma, o projeto tem por objetivo elaborar propostas de intervenção a serem aplicadas em determinada comunidade escolar, visando tanto à prevenção quanto ao combate do uso de drogas lícitas e ilícitas. A razão da escolha deste colégio se deu em razão do grande número de jovens que se envolvem muito cedo em algum tipo de droga. Esta situação pode ser constatada por meio de uma pesquisa feita nas redes de proteção à criança e ao adolescente no município de Aracaju - SE. Este município possui cinco distritos, cada um deles é representado por um Conselho Tutelar vinculado ao Sistema de Garantia de Direitos das Crianças e Adolescentes, que tem como principal critério dividir a cidade em partes para uma melhor abrangência. Estes distritos estão representados na tabela abaixo com suas localizações no município.

Tabela 1: Localizações e bairros dos Distritos em Aracaju.

Distrito	Localização	Bairros que abrange
1º	Zona Sudeste	Aeroporto, Atalaia, Coroa do Meio, Mosqueiro, Farolândia, Inácio Barbosa, Luzia, São Conrado, Santa Maria.
2º	Zona Sul	Jabotiana, Grageru, Pereira Lobo, Salgado Filho, Jardins, Treze de Julho, São José, Ponto Novo, Suíça.
3º	Centro- este	Cirurgia, Getúlio Vargas, José Conrado de Araújo, Siqueira Campos, Novo Paraíso, América, Centro
4º	Nordeste	18 do Forte, Cidade Nova, Santo Antônio, Palestina, Porto Dantas, Industrial.
5º	Norte	Bugio, Jardim Centenário, Santos Dumont, Lamarão, Capucho, Olaria, Soledade.

Fonte: Secretaria de Educação de Sergipe, 2015.

Por meio de pesquisas desenvolvidas nesses distritos, foi constatado que estes ainda são classificados de acordo com o grau de vulnerabilidade apresentado pelas famílias de crianças e adolescentes situadas em cada região da cidade. Com base na análise foi constatado que o distrito que possui maior grau de vulnerabilidade é o 5º (encontra-se localizado no bairro Bugio), sendo que este abrange o universo da nossa pesquisa, posteriormente vem o de médio grau de vulnerabilidade, sendo eles os distritos 1º, 3º e 4º e o de baixo grau de vulnerabilidade, sendo ele o distrito 2º.

Por meio das situações abordadas até agora, o objetivo geral dessa pesquisa é **elaborar um projeto de intervenção que permita expor aos sujeitos que fazem parte do ambiente escolar da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Manoel Bomfim (alunos, professores e pais) os danos provocados pelo uso de drogas lícitas e ilícitas.**

Para tanto, os objetivos específicos do projeto são:

- Observar algumas características físicas relevantes da escola que participará da pesquisa;
- Identificar se os professores já trabalharam ou trabalham com a temática “drogas” em sala de aula;
- Levantar dos professores algumas informações sobre o uso de drogas pelos alunos;
- Organizar palestras sobre as consequências do uso das drogas.

A importância desse projeto é reconhecer a situação local e desenvolver um projeto de intervenção sem expor os sujeitos que irão participar da pesquisa, diferenciando as drogas e mostrando seus efeitos e riscos. Com isso, a prevenção se tornará mais eficiente se tiver como objetivo o desenvolvimento da capacidade de escolha dos indivíduos, mostrando-lhes as consequências dessas escolhas.

Procedimentos metodológicos

A investigação se situa no município de Aracaju-SE, tendo como universo da pesquisa a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Manoel Bomfim, localizada no Conjunto Bugio, situado na Zona Norte do citado município. Os atores sociais da pesquisa são os professores que lecionam nessa instituição de ensino, do 1º ao 9º ano do

ensino fundamental. O quadro de docentes lecionando nesta unidade de ensino é de 30 educadores, contudo, somente 6 destes educadores manifestaram interesse em colaborar com a pesquisa, que de acordo com a proposta apresentada é de natureza qualitativa.

Para Triviños (1995), este tipo de pesquisa, de forma muito geral, segue um princípio específico neste tipo de análise quando da realização da investigação, sobretudo ao de aprofundar os dados coletados. Isto é, existe uma escolha de um assunto ou problema, para em seguida haver a coleta e análise das informações. Assim sendo, como instrumento de coleta de dados iremos utilizar observações, entrevista, pesquisas documentais e questionários com perguntas abertas e fechadas. Em relação à observação, Marconi e Lakatos (2010) mostram que esta técnica de coleta de dados pode ser utilizada para conseguir informações, não consistindo simplesmente em ver ou ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar. Nesse projeto a observação foi utilizada com o objetivo de identificar visualmente certos aspectos comportamentais e físicos do ambiente escolar, com o intuito de responder o primeiro objetivo da pesquisa.

Ainda de acordo com Marconi e Lakatos (2010), na pesquisa documental os dados estão restritos a documentos, escritos ou não, constituído-se o que se chama de fontes primárias. No caso da pesquisa, foi analisado o Projeto Político Pedagógico do colégio Manuel Bomfim, com a finalidade de verificar algumas características na sua organização que contribuía para identificar e propor um plano de intervenção sobre o uso de “drogas” no ambiente escolar.

Com relação ao questionário, Marconi e Lakatos (2010) mostram que este instrumento é constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e, em alguns casos, sem a necessidade do pesquisador presente, tendo suas vantagens e desvantagens.

Neste trabalho foram aplicados questionários com o objetivo de responder o segundo e terceiro objetivo do projeto. Com isso, esta técnica será utilizada para identificar se os professores já trabalharam ou trabalham com a temática “drogas” em sala de aula, levantar dos professores algumas informações sobre o uso de drogas pelos alunos e para montar uma tabela a fim de visualizarmos o perfil de cada professor que irá participar da pesquisa.

A entrevista foi utilizada para coletarmos da coordenação da escola algumas informações relevantes para a elaboração do Plano de Intervenção, no que diz respeito a relação dos alunos entre si e com os outros sujeitos do ambiente escolar.

Este Plano de Intervenção está organizado em três capítulos mais a conclusão. O primeiro capítulo traz o referencial teórico, abordando temas como as drogas no ambiente escolar, sua realidade e desafios; o papel da escola e da família no processo de educação escolar; a violência no ambiente escolar. Estes temas foram aprofundados tendo como base os principais teóricos que tratam de cada tema. O segundo capítulo traz um diagnóstico do ambiente onde o plano de intervenção será aplicado. Para isso foram coletados dados com base no ambiente físico da escola, informações tanto da coordenação pedagógica como dos professores. Estes dados serviram para fortalecer ainda mais a ideia do plano. O terceiro capítulo mostra como o projeto de intervenção será organizado, trazendo o cronograma e os temas que serão abordados em cada palestra. Por último, as considerações finais e as referências bibliográficas que foram utilizados no Plano de Intervenção.

CAPÍTULO 1: AS DROGAS NO AMBIENTE ESCOLAR: REALIDADES E DESAFIOS

1.1 - O USO DE DROGAS: UMA BREVE ANÁLISE HISTÓRICA E SOCIAL

Segundo Costa (2009), o consumo de drogas não é algo atual no mundo. Existem estudos que comprovam o cultivo da coca há milhares de anos e seu uso fazia parte de culturas milenares que utilizavam esta erva como medicamento contra vários males: dor de dente, dores de cabeça, para aliviar a fome entre outros motivos. No Brasil estudos sobre a cocaína e outras drogas surgiram desde o início do século XX. O autor observa ainda que:

A variação do uso das drogas ocorreu durante todos esses anos e proporcionou um novo olhar sobre o uso de drogas para os pesquisadores, já que os motivos do uso de drogas não permaneceram os mesmos. Se antes as drogas eram mais vistas como terapêuticas ou analgésicas hoje elas são parte significativa de um comércio clandestino (COSTA, 2009, p.3-4).

O uso de drogas é um dado real e necessita ser analisado cientificamente. Esta situação torna-se mais visível em escolas públicas, em especial as situadas em periferias, onde observamos um número maior de famílias com baixo poder aquisitivo, e elevados casos referentes ao tráfico e venda ilegal de drogas. Segundo Soldera *et al* (2004), a situação é reforçada pelos levantamentos contendo dados que indicam que nas regiões periféricas das grandes cidades brasileiras, onde a mortalidade por causas violentas e o tráfico de drogas são mais intensos, haveria também um consumo igualmente mais intenso de drogas ilícitas.

De acordo com o mesmo estudo, Soldera *et al* (2004) puderam determinar a prevalência do uso pesado de drogas por estudantes de primeiro e segundo grau em escolas públicas centrais, periféricas e particulares e os fatores sociodemográficos, culturais e psicopatológicos associados a esse uso. Os resultados da pesquisa apontaram que os fatores facilitadores do uso pesado de drogas lícitas e ilícitas foram: a região demográfica onde os jovens residem, sendo maior o uso na periferia das cidades, padrões de socialização “adulto mórnicos” (trabalho e ensino noturno) e um possível pior ambiente familiar (sentir-se menos apoiado e compreendido pela família) (SOLDERA *et al*, 2004).

Para Baus, Kupekb e Piresa (2002, p. 08) “o uso de drogas na idade escolar é uma das maiores preocupações de saúde pública”. Neste aspecto aqui ressaltado. Estes autores

revelam que tanto os estudos de comportamento de risco quanto aqueles com enfoque no uso de drogas nessa idade mostraram a importância dos fatores sociodemográficos, como idade, sexo e classe social.

Esta situação é também observada por Soldera *et al*, quando falam que:

As primeiras experiências com drogas ocorrem frequentemente na adolescência. Nessa fase, o indivíduo é particularmente vulnerável do ponto de vista psicológico e social. Assim, é de particular importância estudar essa população de forma minuciosa, principalmente no que se refere ao uso frequente e pesado de drogas lícitas e ilícitas, e identificar fatores psicológicos e socioculturais associados a tal uso (2004, p. 1).

Na concepção apresentada por Tavares, Béria e Lima (2001) e Galduróz *et al* (2005), no Brasil, os estudos revelam que as drogas mais utilizadas pelos adolescentes no ambiente escolar são o álcool e o fumo. Ainda segundo a pesquisa desenvolvida por Tavares, Béria e Lima (2001) esta situação ficou evidente, sendo revelada as prevalências de uso de álcool e tabaco por crianças e adolescente entre 10 e 19 anos. Porém, esta mesma pesquisa revelou que o uso de solventes é mais frequente nas faixas etária entre 10 e 15 anos, superando até o uso da maconha, nesta faixa etária. Isso pode ser explicado pelo fácil acesso a estes materiais que podem ser comprados com mais facilidade por crianças. Com relação ao uso de álcool e tabaco, Barros e Pillon (2006) revelaram que em pesquisas realizadas pela Organização Mundial da Saúde em 2006, foi identificado que o uso do cigarro, álcool e outras drogas ilícitas estão entre os 20 maiores problemas de saúde no mundo, sendo que o tabaco é responsável por 9% dos casos de morte, e o álcool, por cerca de 3,2%.

A situação é preocupante, uma vez que por traz do uso desses tipos de drogas estão inseridos todo um contexto social e de saúde, pois o aumento do uso do tabaco, por exemplo, pode refletir em um aumento de casos relacionados a certos tipos de câncer, como o de pulmão, boca, laringe e faringe. A priori, a própria realidade do nosso cenário atual mostra a disponibilidade da droga, como bebidas e o próprio tabaco, postos à venda com grande facilidade, sendo totalmente acessíveis para qualquer um que tenha interesse de consumi-los, independentemente de sexo e idade. O álcool é comercializado com insuficiente controle governamental, tornando-se uma das drogas psicoativas de maior acesso e de uso mais frequente pelos adolescentes. Contudo, a fim de evitar esta situação, o próprio Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) traz em seu artigo 243 que vender, fornecer, servir, ministrar ou entregar, ainda que gratuitamente, de qualquer forma, a criança ou a adolescente, bebida alcoólica ou, sem justa causa, outros produtos cujos

componentes possam causar dependência física ou psíquica pode acarretar detenção de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa, se o fato não constituir crime mais grave (BRASIL, 1990).

Em relação à distribuição por sexo, a pesquisa de Tavares, Béria e Lima (2001) revelou que as substâncias de uso lícito – como o álcool e o tabaco – não apresentaram diferenças de consumo significativas entre meninos e meninas. Esta situação também foi evidenciada na pesquisa desenvolvida por Alavarse e Carvalho (2006). Entretanto, as drogas ilícitas apresentaram prevalência de uso mais elevado no sexo masculino, com um grande uso de drogas como a maconha, os solventes, a cocaína e o grupo de medicamentos que inclui xaropes, barbitúricos, orexígenos e anticolinérgicos, por este sexo. Por outro lado, o sexo masculino mostrou um consumo cerca de 45% menor de ansiolíticos e anfetamínicos em relação ao sexo feminino (TAVARES, BÉRIA e LIMA, 2001; ALAVARSE e CARVALHO, 2006).

Ainda sobre este assunto, segundo Castro e Rosa (2010), várias são as pesquisas espalhadas pelo mundo que tentam fazer o levantamento de números reais do consumo de drogas pelos estudantes. No Brasil, o órgão que se destaca é o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), que funciona no Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), e realiza pesquisas nesta área há aproximadamente 15 anos. Esta entidade não tem fins lucrativos e existe exclusivamente para ser útil à população. Para cumprir esta função, o CEBRID organiza pesquisas e reuniões científicas sobre o assunto drogas, publica livros e levantamentos sobre o consumo de drogas entre estudantes, meninos de rua e outros grupos da sociedade.

A priori, Galduróz *et al* (2005, p. 1) falam que “para se implantar programas de prevenção adequados sobre o uso de drogas numa determinada população, é necessário, antes de tudo, conhecer a realidade desse consumo”. Ou seja, é necessário levar em consideração fatores como o perfil da sociedade, levantamentos populacionais, gerais e específicos; indicadores estatísticos e pesquisas etnográficas levando em consideração o número de internações de adolescentes envolvidos com drogas e até mesmo mortes comprovadas pelo uso.

O CEBRID fez quatro levantamentos nacionais entre os anos de 1987 e 1997 abrangendo o consumo de drogas entre estudantes adolescentes em 10 capitais brasileiras. Os resultados obtidos revelaram que o álcool é a substância psicoativa mais consumida (uso na vida) pelos estudantes. A seguir vem o tabaco, solventes, maconha, ansiolíticos, anfetamínicos, cocaína e os alucinógenos. A prevalência do consumo de drogas em geral foi superior para o sexo masculino em relação ao feminino, sendo que a idade do início é inferior a 12 anos em alguns estudos. Contudo, observou-se que entre os meninos as drogas mais usadas são as drogas ilícitas (cocaína e maconha), já entre as meninas são os medicamentos psicotrópicos (anfetaminas etc.) (CASTRO e ROSA, 2010; GALDURÓZ *et al*, 2005).

Remetendo-se a esta situação, Alvarse e Carvalho (2006) mostram que o álcool, por ser considerado dentre as drogas lícitas a de mais fácil acesso. É normalmente o mais usado pelos adolescentes, cuja iniciação no mundo das drogas se dá pelo consumo de álcool, que tem acontecido cada vez mais cedo, em média aos 11 anos. O próprio Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu artigo 81, incisos II e III, mostra que é proibida a venda à criança ou ao adolescente de, entre outras coisas, bebidas alcoólicas e produtos cujos componentes possam causar dependência física ou psíquica ainda que por utilização indevida (BRASIL, 1990). Contudo, notamos que em muitos estabelecimentos comerciais esta regulamentação não é posta em prática. Em muitos casos, as crianças e os adolescentes compram bebidas ou até mesmo drogas e levam para usarem dentro do ambiente escolar, estimulando outros adolescentes a fazerem uso desta substância. A respeito disto, Alvarse e Carvalho (2006, p. 5) observam que “não existe uma fiscalização efetiva nos pontos de venda de bebida alcoólica; portanto, a lei deixa de ser cumprida”. Para piorar esta situação, o preço acessível das bebidas alcoólicas praticados no território nacional viabiliza sua aquisição, apesar dos constantes aumentos de impostos sobre este tipo de produto industrializado.

Além disso, a pesquisa de Alvarse e Carvalho (2006) mostrou que a experimentação do álcool pelos adolescentes se deu em 71,61% das vezes em casa e com os pais. Neste caso, muitas vezes o álcool é consumido pelo adolescente em festas comemorativas na própria família. Estes autores ainda falam:

Os adolescentes declararam, em sua maioria, que a primeira experiência com o álcool se deu em casa e com o pai. Este é um dado preocupante, já que é em casa, na família, que o indivíduo vai apreender, através dos

exemplos dos pais, o seu comportamento ético e moral. O comportamento dos pais em relação ao álcool potencializa a facilidade de acesso a ele e transforma o seu uso em algo corriqueiro, que, na perspectiva do jovem, não tem maiores consequências (ALVARSE e CARVALHO, 2006, p. 6).

Segundo Pinheiro, Picanco e Barbeito (2011), o consumo de drogas transformou-se numa preocupação mundial, em especial nos países industrializados, em função da sua grande prevalência e dos riscos que pode acarretar. Tavares, Béria e Lima (2001) evidenciam também que esta situação se agravou ainda mais depois da década de 60. Estes autores revelam que os adolescentes são os mais vulneráveis ao uso das drogas, pois nesta etapa do desenvolvimento surgem grandes incertezas, sendo esta uma fase de mudanças na vida do indivíduo.

Segundo Roehrs, Lenardt e Maftum (2008), a população de crianças e adolescentes corresponde aos segmentos da sociedade mais vulneráveis em face do uso indevido de drogas psicoativas. Atualmente constata-se um número cada vez maior de pré-adolescentes recorrendo ao uso de drogas; conseqüentemente. Estes autores ainda apontam que a iniciação começa cada vez mais cedo.

A fase de experimentação das drogas ocorre, normalmente, entre os 10 e 12 anos, e, apesar de muitas vezes ocorrer apenas de maneira experimental, podem-se notar padrões de comportamentos que são observados na vida adulta e indicam a necessidade de se instituir medidas preventivas nessa etapa do desenvolvimento (ROEHRS, LENARDT e MAFTUM, 2008, p.24).

Além disso, vários fatores contribuem para o uso de drogas entre os adolescentes. Estudos feitos por Pinheiro, Picanco e Barbeito (2011) e Vieira *et al* (2008) mostraram que os maiores índices entre crianças e adolescentes usuários de drogas ilícitas e lícitas estão registrados em famílias cujos pais também são usuários de algum tipo de droga.

Esta situação foi reforçada na pesquisa Schenker e Minayo (2003). Estes autores apresentaram uma revisão crítica da literatura sobre o uso indevido e abusivo de drogas em geral e, de forma particular, por adolescentes, focalizando, especificamente, o lugar, o papel e a co-responsabilidade da família como instituição que elabora as relações primárias, por meio de uma revisão da literatura, entre os períodos de 1995 a 2002. O resultado da pesquisa apontou para a importância de se engajar a família no tratamento das crianças e adolescentes no combate ao uso das drogas, uma vez que muitos desses jovens são influenciados pelas suas famílias no uso das drogas, por conviverem com pessoas que

também fazem o uso. Roehrs, Lenardt e Maftum (2008, p. 02) também remetem a esta situação quando mostram que “as transformações pelas quais passam os adolescentes também resultam de processos inerentes ao pertencimento familiar. Este representa forte influência e determina diferenças significativas sobre o estilo em projeção de vida dos adolescentes”. Estudos revelam que as práticas culturais familiares, ou seja, representadas pelos sistemas de valores e crenças adquiridos na família, muitas vezes são estímulos para a fase da experimentação e continuidade de uso das drogas.

As pesquisas de Tavares, Béria e Lima (2001, p. 03) remetem também a esta situação. Estes autores falam que “hoje se sabe que as relações familiares constituem um dos fatores mais relevantes a ser considerados, mas de forma combinada com outros”. Com isso, os modelos que os familiares adultos representam para os adolescentes são significativos para a construção das práticas saudáveis de vida dos adolescentes (ROEHR, LENARDT e MAFTUM, 2008).

Estas pesquisas também mostraram que os motivos de início do consumo mais referidos pelos estudantes são: a curiosidade, a oferta de um amigo e a diversão. Além disso, estes autores revelaram que o contexto escolar e social em que o adolescente está inserido é um fator que tem apontado como o mais consistente em relação ao uso de substâncias na adolescência (BAUS, KUPEKB E PIRESA, 2002; PINHEIRO, PICANCO e BARBEITO, 2011; SCHENKER e MINAYO, 2003; VIEIRA *et al*, 2008). Além desses fatores, outras situações ainda relacionadas ao contexto familiar que influencia o uso de drogas pelos adolescentes são: ausência de investimento nos vínculos que unem pais e filhos; envolvimento materno; práticas disciplinares inconsistentes; excessiva permissividade; dificuldades de estabelecer limites aos comportamentos infantis e juvenis e tendência à superproteção; educação autoritária associada a pouco zelo e pouca afetividade nas relações; monitoramento parental deficiente; aprovação do uso de drogas pelos pais; expectativas incertas com relação à idade apropriada do comportamento infantil; conflitos familiares sem desfecho de negociação (SCHENKER e MINAYO, 2003).

Observa-se que todas estas situações encontradas dentro do ambiente familiar influenciam também o ambiente escolar, uma vez que estes adolescentes acabam levando para a escola as consequências da falta de estrutura familiar, podendo até influenciar negativamente outros adolescentes.

1.2 - O PAPEL DA ESCOLA E DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR

O processo de aprendizagem acompanha os seres humanos por toda a vida, uma vez que nascemos e com o passar do tempo vivemos um contínuo processo de aprendizagem. O processo educativo engloba a escolarização e todos os seus aspectos teóricos e práticos, como o processo de aprendizagem. Além disso, também faz parte desse processo outros aspectos inerentes ao ambiente escolar, como: os métodos de ensino, o sistema de avaliação da aprendizagem e o sistema educacional como um todo.

O processo educativo também é determinado por fatores sociais, culturais, políticos e pedagógicos, e por essa razão, precisa ser definido de acordo com o contexto histórico-social, onde determinada escola está inserida. Segundo Moreira e Candau (2003) são frequentes, dentro do processo de educação no ambiente escolar, indagações relativas ao (à) aluno (a) concreto (a) que usualmente está presente na sala de aula:

Como lidar com essa criança tão “estranha” que apresenta tantos problemas, que tem hábitos e costumes tão “diferente” dos da criança “bem-educada”? Como “adaptá-la” às normas, condutas e valores vigentes? Como ensinar-lhe os conteúdos que se encontram nos livros didáticos? Como prepará-la para os estudos posteriores? Como integrar a sua experiência de vida de modo coerente com a função específica da escola? (MOREIRA; CANDAU, 2003, p.01).

Estas indagações estão presentes, a todo momento, na vida dos sujeitos que compõem o ambiente escolar, professores, gestores, alunos, sendo em muitos casos obstáculos para a realização de uma educação de qualidade.

Outra situação também referente ao processo educativo está relacionada à participação dos pais na vida escolar dos filhos, pois quando os pais acompanham a criança em todo o seu processo de desenvolvimento educacional, esta se sente valorizada e protegida. Tais sentimentos somente contribuem para o seu aprendizado. Existem muitas maneiras de os pais participarem deste processo: auxiliando nas tarefas escolares, incentivando à leitura, a fim de esclarecer algumas informações importantes para o seu processo de socialização (SOARES, 2012). Ainda segundo Soares (2012) a escola se vê diante de vários problemas educacionais agregados à desordem, ao desrespeito às regras de conduta e à falta de limites dos seus alunos. Contudo, a escola considera como responsabilidade da família educar seus filhos, e, por outro lado, a família nutre uma expectativa de que a escola forneça à criança toda a educação que ela necessita.

As famílias veem a escola como um lugar onde seus filhos irão aprender a ser educados e ter os conhecimentos necessários para serem “bem-sucedidos” na vida, ou simplesmente arrumarem um emprego. Em contrapartida, a escola espera que esta mesma família dê também a educação básica para seus filhos, a fim de eles não se tornarem desordeiros no ambiente escolar.

Vasconcellos (1989, p. 24) remete a esta mesma concepção quando fala que “a sociedade espera que a sala de aula seja um lugar de submissão, de doutrinação, de seleção natural, de domesticação”. Com isso, fica evidente até pelos próprios meios de comunicação que a família e a escola mudaram muito. Antes, a família era cúmplice da escola. Hoje deposita suas funções e delega suas responsabilidades a ela. Esta situação é confirmada pelos estudos de Vasconcelos (1989), que mesmo realizados há muito tempo atrás revela dados observados nos dias atuais. Este autor mostra que, cada vez mais, os alunos vão para a escola com menos limites trabalhados pela família. Muitos pais chegam mesmo a passar toda responsabilidade para a escola. Mediante suas remotas experiências como estudantes, os pais exigem da escola uma postura autoritária. É preciso deixar claro para os pais que existe alternativa, que supera tanto o autoritarismo quanto o espontaneísmo. Discutir e reconstruir esses contornos se mostra necessário à reflexão sobre situações, por vezes, problemáticas, principalmente no que diz respeito ao conhecimento sobre o tipo de família que hoje a escola tem que lidar (SOARES, 2012).

Outra situação posta pela autora está relacionada à contradição em relação às posturas que tanto a escola quanto a família adotam perante as crianças e os adolescentes. Como exemplo, podemos citar o próprio foco do presente projeto de intervenção. Os alunos, dentro do ambiente escolar, aprendem que não pode usar drogas pelos danos que estas causam à saúde. Porém, em alguns casos, em suas próprias casas estes jovens encontram seus pais ou responsáveis usando diversas drogas e acabam, pelo contato direto, usando também. Com isso, Soares (2012, p. 02) faz o seguinte questionamento “o que pode ser feito para que família e escola possam caminhar juntas no processo de ensino e aprendizagem do educando? ”. Um dos desafios relacionado à melhoria do processo educacional está relacionado, segundo Soares (2012), em atrair a família para o ambiente escolar. Segundo esta autora, isto pode ser feito por meio da criação de instrumentos comunicativos que realmente sejam efetivos, que não sirvam somente para “informar”,

mas para coletivizar conhecimentos, onde ambas possam comparar, construir e reformular seus métodos de ensino, conseguindo, com isso, efetivar suas funções de educadores.

É importante que haja essa integração da família e escola em prol do processo educacional, pois estes dois setores da sociedade são os quem mais podem influenciar positivamente a vida das crianças e adolescentes, uma vez que são os ambientes em que estes mais se encontram.

1.3 - A VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

A violência é um problema social que está cada vez mais invadindo o ambiente escolar. Denomina-se violência escolar todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por, e entre a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) (PRIOTTO e BONETI, 2009).

Constantemente observamos vários casos de violências envolvendo os sujeitos desse ambiente, como: professores, alunos e gestores. O caso mais recente de violência dentro do ambiente escolar em nosso estado envolveu um aluno e uma diretora, dentro de uma instituição de ensino no município de Aracaju-SE, onde esta foi surpreendida por aquele com socos e canetadas.²

Como mostra Priotto e Boneti quando falam que:

Sabe-se que não é fato novo a preocupação de membros e autoridades com a violência escolar que diariamente a sociedade enfrenta. Esse problema centra-se nas proporções inéditas que o fenômeno vem assumindo e se transformam em preocupação e insegurança, aos diretores, alunos, professores, pais e sociedade (PIOTTO; BONETI, 2009, p. 02).

Segundo Priotto e Boneti (2009, p. 02), as principais características e formas de apresentação de violência são: “violência doméstica, política, policial, religiosa, criminal, simbólica, nas ruas, no trânsito, nas escolas, no campo, contra o jovem, a criança, a

² Este fato teve grande repercussão em todo o estado, sendo divulgado nos principais telejornais e jornais da cidade. Notícia disponível em < <http://g1.globo.com/hora1/noticia/2015/07/diretora-de-escola-publica-de-se-e-agredida-por-aluno-com-uma-caneta.html> > acesso em: 13 de outubro de 2015.

mulher, o idoso, o portador de necessidades especiais, o afro-descendente, o homossexual, entre outras”. Em pesquisas realizadas por Njaine e Minayo (2003) ficou evidente que os casos de violências no ambiente escolar ocorrem principalmente com formas de humilhação, seguida dos furtos, ameaças e destruição de objetos pessoais. Em relação ao comportamento violento, muitos alunos mostram que são violentos dentro do ambiente escolar porque também sofre algum tipo de violência na família, na própria escola e na comunidade. A pesquisa ainda apontou que a violência também pode estar relacionada ao uso de drogas, principalmente em bairros de periferia, como também os conflitos entre traficantes que podem atravessar até os muros das escolas (NJAINÉ e MINAYO, 2003).

Entretanto, Debarbieux (2010) mostra que a violência no ambiente escolar relacionados ao uso de drogas pode ser observada tanto nas escolas de periferia quanto em escolas consideradas de elite. O que acontece é que em escolas de bairros de periferia a situação envolvendo o uso de drogas e violência são mais visíveis para a sociedade.

Nas escolas de elite ou de classe média, os comportamentos de risco (uso abusivo de drogas etc.) e as fases depressivas parecem ser mais comuns enquanto o comportamento agressivo e a violência física são mais frequentes nas escolas das classes trabalhadoras (DEBARBIEUX, 2010, p. 79).

Porém, em pesquisa realizada por Ruotti (2010), onde ela procurou relacionar as conexões referentes à violência dentro das escolas com as violências vivenciadas nos bairros de onde provém sua clientela, ela pode constatar que há uma relação forte entre o que acontece na sociedade com a realidade do ambiente escolar. Com isso, fica evidente que apesar da violência atingir todo e qualquer ambiente escolar, os fatores culturais presentes na comunidade onde as escolas se encontram, influenciam consideravelmente o ambiente interno da escola, uma vez que os alunos levam para este ambiente tudo que vivenciam no ambiente cotidiano, sejam estes ensinamentos bons ou não.

Segundo Ruotti (2010), as informações sobre o entorno escolar, decorridas principalmente dos relatos dos alunos, evidenciam que os bairros onde os estudantes residem, marcados por situações de violência fortemente associadas à presença do tráfico de drogas, faz com que essa realidade externa adentre nos muros escolares de duas formas distintas. Uma delas traz incertezas e riscos para os membros escolares, impedindo a ação educativa. De outro, age, sobretudo, nas representações e práticas dos profissionais da

escola que se sentem ameaçados pelas situações que ocorrem fora das escolas e são influenciadas pelo tráfico.

Outros tipos de violência escolar podem estar relacionados: à agressão física e verbal; ao roubo contra professores, aos funcionários e alunos e de equipamentos e materiais didáticos e pedagógicos; à pichação; à sujeira nas dependências e ao porte de armas (armas de fogo e armas brancas) (PAULA, 2009).

Estes tipos de violências podem afetar o ambiente físico das escolas, provocando desconforto e insegurança aos sujeitos que se encontram nesse ambiente. Constantemente tem-se notícias relatando o roubo ou a destruição do patrimônio público escolar, de equipamentos que sequer foram utilizados pelos alunos e professores.

A priori, hoje muitos veem a educação como um dos meios de diminuir a violência na sociedade e disseminar valores positivos entre crianças e jovens. Contudo a autora faz a seguinte indagação: “até que ponto a própria educação também não dissemina essa tão propalada violência? ” (SZADKOSKI, 2010, p. 50). A autora considera que o aluno observa a violência no próprio ambiente escolar, se sente motivado a realizá-la dentro ou até mesmo fora desse ambiente. Se ele nota uma determinada violência feita por um professor, por exemplo uma simples discriminação ou até mesmo o *bullying* este aluno pode sentir-se motivado a realizá-la também. Em pesquisa realizada por Paula (2009), na qual procurou fazer um levantamento perante os jovens sobre assuntos envolvendo a violência e as drogas no ambiente escolar, ficou evidente que os próprios adolescentes consideram que o Brasil é um país violento e apontam como algumas razões para isso a desigualdade social e o uso de drogas. Ficou constatado na pesquisa que cada vez mais, os jovens e os adolescentes estão se envolvendo com as drogas e, em consequência disso, acabam se envolvendo em algum tipo de violência. Por essa razão, se faz necessário criar projetos que possam trabalhar a violência em todos os sentidos dentro do ambiente escolar, para que os alunos levem para seu cotidiano certos ensinamentos, como também, transmiti-los para todos que estão ao seu redor.

CAPÍTULO 2: DIAGNÓSTICO DO USO DE DROGAS E VIOLÊNCIA NO COLÉGIO EMEF MANOEL BOMFIM

2.1 – CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DO COLÉGIO

Em relação ao espaço físico da escola, por meio do roteiro de observações (ver apêndice 1) foi possível constatar que a escola está em razoável estado de conservação, apresentando quadra escolar, biblioteca e 12 salas de aula. A escola não possui uma sala específica para recursos audiovisuais. Sempre que o professor necessita desse recurso, os alunos são levados para a sala de informática, sendo que esta tem cerca de 19 computadores.

Outros dados da estrutura física do colégio são: 01 cozinha e 01 cantina com refeitório amplo, com lixeiras e pias para lavar as mãos, 12 sanitários para adultos e 04 infantil, 01 dispensas, 01 lixeiras com acesso para coleta, 01 laboratórios de informática, 01 quadra, 01 secretaria ampla com uma sala de arquivo e almoxarifado, 01 pátio pequeno e uma área livre para recreação com bancos. Além de recursos didáticos como: projetores, data-show, caixas amplificadoras, impressoras multifuncionais e micro-sistemas.

2.2 - DADOS DA ANÁLISE DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA

Por meio da pesquisa documental, foi possível constatar que a escola possui o Projeto Político Pedagógico (PPP), porém não possui Regimento Interno. A direção alegou não ter necessidade de tal documento, pois o próprio PPP do colégio já trata de assuntos que envolvem questões comportamentais e de cunho ético dentro da instituição de ensino.

Em relação ao PPP do colégio em questão, o mesmo expõe a visão e a missão da instituição de ensino, sendo elas:

A. VISÃO DA ESCOLA:

Ser uma escola reconhecida em nossa cidade pela qualidade do ensino ofertado, através do comprometimento de nossos docentes e dos resultados alcançados por nossos alunos.

B. MISSÃO DA ESCOLA:

Garantir um ensino de qualidade, pautado no princípio das mediações, do respeito e da democracia, assegurando ao aluno o direito de ser alfabetizado aos seis anos e de participar ativamente do seu processo de aprendizagem.

Dando continuidade à análise do PPP (2013), este ainda traz as datas, decretos e resoluções que regulamentou o ensino no referido colégio, ou seja, os atos oficiais que regulamentaram a instituição de ensino.

Observou-se que o Projeto ainda fala sobre a parte histórica do colégio, como era a infraestrutura dele inicialmente até poucos anos atrás, uma vez que o projeto data de 2013 e não foi atualizado até o momento da pesquisa.

Posteriormente, vem a questão da oferta de curso pela instituição, sendo que o referido colégio oferta o fundamental, do 1º ao 9º ano (manhã e tarde), contando ainda com projetos de Educação de Jovens e Adultos e Acelera (ambos a noite), para alunos que não estão frequentando os anos escolares nas idades estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB). Com isso, atende alunos entre 6 e 30 anos de idade. Atualmente conta com cerca de 195 alunos no Ensino Fundamental, 87 alunos na Alfabetização de Jovens e Adultos e 78 no Projeto de Aceleração II.

Além dessas informações, o plano ainda traz a organização administrativa do colégio, tendo:

- Coordenadora Geral - Dejanira Batista Neves Didon
- Coordenadora Pedagógica - Cirleide Souza da Silva
- Coordenador Pedagógico - Gilson Correia Mariano
- Coordenador Administrativo - Reginaldo de Melo Rocha

Em relação aos recursos financeiros, o Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) aprovou em 2013 a disponibilização de um recurso financeiro no valor de R\$24.370,00 dos quais 4.150,00 para despesas de capital e R\$ 20.220,00 para despesa de custeio (PPP, 2013).

A escola dispõe de um Conselho Escolar composto por coordenador geral, servidores do quadro do magistério, pais ou responsáveis, servidor administrativo e alunos regularmente matriculados. Quando necessário, este conselho é convocado para deliberar certas situações que ocorrem dentro do ambiente escolar.

O PPP foi construído com a participação dos diversos segmentos que compõem a escola, entre eles, pais, alunos, professores e funcionários e, posteriormente, foi aprovado pelo Conselho Municipal de Educação (COMEA). O PPP traz também a clientela de alunos dos principais bairros onde residem. A escola atende alunos moradores tanto do bairro Bugio como dos bairros vizinhos (Anchietão, Ângela Catarina, Nova Liberdade I e II, São Carlos, além do Parque São José, Fernando Collor de Melo e Marcos Freire).

Além disso, parte desses alunos residem em palafitas ou invasões às margens do manguezal, onde não há saneamento básico e infraestrutura para uma moradia digna.

Uma informação importante presente no PPP diz respeito a um dado divulgado pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), criado em 2007 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino, que mostrou:

- O IDEB dos anos iniciais não melhorou nas duas últimas medições disponíveis;
- A taxa de reprovação não melhorou;
- Os resultados de língua portuguesa e matemática na Prova Brasil não demonstraram evolução.

2.3 – DADOS DA ENTREVISTA COM A COORDENADORA PEDAGÓGICA

A entrevista foi realizada com a Coordenadora Pedagógica do colégio (Ver apêndice 2) com o objetivo de verificar a relação entre os sujeitos que fazem parte do ambiente escolar e identificar algum tipo de situação de violência. Ainda por meio da entrevista procurou-se identificar a ocorrência de projetos dentro do ambiente escolar e a relação interdisciplinar com os professores. Foram discutidas as seguintes relações: relação professor-aluno; relação aluno e diretoria/secretaria/equipe; interação com os alunos na escola; realização de projetos interdisciplinares; conselho escolar; reuniões entre pais e mestres.

Relação professor-aluno (como se comportam, como interagem, conversam, brigam, gritam?);

“A relação é bastante cordial, afetuosa, mas sempre impondo limites. Nunca houve um caso de violência física entre professores e alunos, mas já tivemos casos de agressões verbais. ”

Relação aluno e diretoria/secretaria/equipe pedagógica (como se relacionam?);

“Os alunos não gostam quando são chamados para comparecer à direção. Eles sempre reagem quando são abordados, mas nunca agem com violência ou com falta de respeito. ”

Interação dos alunos na escola (durante as aulas e durante o (s) intervalo (s));

“Como lidamos com crianças, elas costumam ser bem agitadas principalmente no horário do intervalo. Em relação às salas, encontramos certa indisciplina dos alunos. Em geral, acreditamos que a convivência familiar está muito relacionada com tal situação. ”

Realização de projetos (Desenvolve projetos? Quais? Todos os anos?);

“A escola compartilha dos seguintes programas e projetos:

- Programa Alfa e Beto: em 2013 o programa foi adotado pela rede de ensino e está voltado aos alunos do 1º ao 5º ano que visa oferecer soluções nas disciplinas de língua portuguesa, matemática e ciências;

- Sistema Positivo: a escola conta com a parceria do Sistema Positivo para alunos do ensino fundamental da 2ª fase;

- Programa mais educação: teve início na escola em 2013 sob a coordenação da professora Nivalda e funciona com 100 alunos;

- Programa 2º tempo;

- Programa um por todos, todos por um! Pela ética e cidadania;

- Pré IFS: oferece simulados para preparar o aluno para a prova do IFS. ”

Existem projetos interdisciplinares?

“Os professores, de vez em quando, tentam fazer algum trabalho juntos, o de Geografia e o de História, o de Artes com o de Matemática para ver as questões das formas geométricas, mas isso não ocorre constantemente e com muita frequência também, e nós não questionamos eles para fazerem, pois sabemos que dá um certo trabalho né. ”

Conselho escolar (Existe? É atuante? Quem participa? Como funciona?);

“A escola dispõe de Conselho Escolar composto por coordenador geral, servidores do quadro do magistério, pais ou responsáveis, servidor administrativo e alunos regularmente matriculados. Sempre que possível e necessário estes se reúnem a fim de deliberar alguma situação ocorrida na escola ou para a solução de certos problemas encontrados nela. ”

Quais são os assuntos abordados nas reuniões de pais?

“Em geral, o assunto mais abordado são questões de indisciplina de aluno, mau comportamento, quando algum aluno quebra alguma coisa na escola, quando notamos comportamentos que não condizem com a idade deles, como questões de namoro no colégio e também assuntos referentes a nota. ”

2.4 – DADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS PARA OS PROFESSORES

Dos 30 professores que compõem a escola, somente 6 professores responderam aos questionários (Apêndice 3) submetidos pelas pesquisadoras. O objetivo da aplicação destes foi coletar as concepções dos professores em relação a alguns aspectos relacionados à temática em questão.

Dos seis professores questionados, um era do sexo masculino (P1) e cinco do sexo feminino. A tabela abaixo mostra alguns dados em relação ao curso superior, tempo de docência e se o docente possui cursos de Pós-Graduação. A fim de garantir o anonimato dos professores, estes foram identificados pela letra “P” seguido de um número de ordem.

Tabela 2: Perfil dos sujeitos que participaram da pesquisa

Professores	Idade	Tempo de magistério	Curso Superior	Curso de Pós-Graduação.
P1	36	03	Educação Física	Não possui.
P2	36	18	Pedagogia	Gestão escolar e Pedagogia Empresarial.
P3	30	05	Língua Portuguesa	Não possui pós.

P4	30	03	Pedagogia	Educação Inclusiva.
P5	49	30	Pedagogia	Psicopedagogia.
P6	35	06	Pedagogia	Gestão Estratégica de Pessoas.

Fonte: GALVÃO e OLIVEIRA, 2015.

Nota: Dados coletados pelas pesquisadoras.

Como podemos observar na tabela, a maior parte dos professores questionados possuem formação na área de Pedagogia, com experiências que variam entre 3 a 30 anos de magistério. A maior parte dos professores também possui curso de Pós-Graduação.

Quando os professores foram questionados se já ouviram algum relato de aluno em relação ao uso de álcool ou cigarro por parte dos pais, 80 % dos professores falaram que sim. Estes professores mostraram que tentam falar sobre a situação da melhor forma possível, uma vez que se trata de um assunto para eles delicado.

“Sim. Procuo conversar com o aluno, esclarecendo de forma clara e objetiva a situação, mas procurando as melhores palavras” (P2).

“Sim. Conversar com o aluno em particular para perceber até que ponto ele está sendo afetado” (P5).

Autores como Tavares, Béria e Lima (2001), Galduróz *et al* (2005), Barros e Pillon (2006) revelaram em suas pesquisas que o álcool e o cigarro são as drogas mais comuns observadas, principalmente como as mais usadas tanto pelos pais e responsáveis, como pelas crianças e jovens na fase escolar. Esta situação pode ser explicada pelo acesso fácil que observamos nestes tipos de drogas. Em relação aos professores que não observaram nenhuma conversa ou relato sobre o uso de drogas perante os pais desses alunos, o professor P1 revelou que isso pode ser explicado pela baixa idade dos alunos, mas que não descarta a possibilidade de os pais deles usarem algum tipo de droga.

“Não. Nunca ouvi, mas educar alunos de educação infantil neste sentido é muito difícil, pois o poder de assimilação deles é pequeno em termos de educar para o social. Nessa fase esse tipo de educação é exemplo 100% dos pais que, pela baixa renda e escolaridade deles, eles se tornam um alvo fácil para o uso” (P1).

A fala do professor remete à situação antes apontada por Baus, Kupekb e Piresa (2002) e Soldera *et al* (2004). Estes autores mostram que a população proveniente de bairros mais carentes são as mais afetadas pelo uso de drogas.

Em relação ao segundo questionamento que perguntava se os professores já tinham presenciado aluno usando algum tipo de droga dentro do colégio, todos os professores revelaram que na dependência do colégio em questão não, mas já ouviram relatos de alunos usarem fora do colégio, como também já presenciaram em alguns momentos os alunos se drogando fora do estabelecimento de ensino.

O terceiro questionamento perguntava para os professores se existem na grade curricular disciplinas que esclareçam o uso e os efeitos das drogas no organismo do indivíduo. Todos os professores responderam que não há disciplinas que tratem desse assunto. O que acontece é que muitos professores tentam inserir este tema dentro das disciplinas já existente na grade curricular, mas como não é obrigatório essa inserção, nem todos os professores fazem isso.

O próximo questionamento se referia às reuniões de pais. Nesse momento, os professores foram questionados se durante a reunião havia preocupação em dar informações a respeito do uso de drogas pelos seus filhos. Os professores responderam que esse assunto era tratado com muita cautela, uma vez que muitos pais não veem com bons olhos este tema. Alguns professores relataram também que quando há casos individuais os pais são chamados à escola para conversar com a coordenação e direção.

Quando questionados se a escola organiza eventos periodicamente para esclarecer os estudantes acerca do uso das drogas os professores revelaram que sempre que possível sim, mas juntamente com esse tema eles tratam outros, como doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência. Com isso, se considerarmos o tema drogas isoladamente, vemos que a escola não realiza eventos com esse tema exclusivamente.

O sexto questionamento, que tratava da existência de projeto educacional no âmbito da escola, tendo como prioridade ações informativas a respeito da prevenção do uso de drogas, os professores revelaram que isso acontecia somente em algumas séries, não em âmbito que envolvesse a escola como um todo.

A última pergunta do questionário aplicado aos professores buscou coletar suas opiniões em relação ao principal fator que determina o uso de drogas na escola. Como principais respostas foram observados fatores relacionados à influência da família e de pessoas próximas aos alunos, como podemos observar nas falas abaixo.

“A família, ao meu ver, é o que mais influencia, posteriormente vêm os colegas” P6.

“A influência e a falta de base familiar” P4.

“A influência de outros colegas pode ser um fator, um número grande de crianças e adolescentes no mesmo local, falta de estrutura familiar, entre outros” P3.

“O uso de drogas na escola ocorre por diversos motivos: falta de orientação em casa e na escola, desafio a autoridades e influência dos colegas” P2.

“O contexto social onde a criança se encontra, como família, escola, comunidade” P1.

Esta situação remete às pesquisas anteriormente realizadas por autores como Alvarse e Carvalho (2006); Baus, Kupekb e Piresa (2002); Vieira (2008) Soldera *et al* (2004) onde estes revelaram que as pessoas que mais influenciam as crianças e os adolescentes no uso de drogas são os pais e, posteriormente, os amigos mais próximos.

Somente o professor P5 mostrou que o principal fator relacionado à influência do uso de drogas é o contexto social e a falta de políticas públicas nesta área.

“Falta de investimento num programa educacional. O poder público deveria investir mais neste setor, a fim de dar uma maior assistência para estes alunos e para os pais deles” P5.

Com base nos dados coletados neste capítulo, o Plano de Intervenção que está detalhado no próximo capítulo pôde ser criado, reiterando sua importância no ambiente escolar em questão.

CAPÍTULO 3: PLANO DE INTERVENÇÃO: UMA ALTERNATIVA EM MEIO AOS DESAFIOS

3.1 – ORGANIZAÇÃO DO PLANO DE INTERVENÇÃO

A partir da análise dos resultados obtidos no diagnóstico, visualizados no capítulo anterior, foi verificada a necessidade de criar o projeto de intervenção aqui apresentado. Pode-se visualizar que os estudantes, pelas concepções dos professores, não têm todas as informações necessárias para evitar e combater o uso de drogas lícitas e ilícitas. Como também foi possível perceber que estes menores estão, a todo o momento, em contato com pessoas que usam algum tipo de droga. Estes alunos ficam em contato direto com pessoas, até da própria família, que usam algum tipo de droga, incentivando, de certa forma, a criança e o adolescente a usá-la também. É importante realizar essa intervenção para que estes alunos, como também seus responsáveis, tenham conhecimento sobre as consequências por trás do uso das drogas, ou seja, o mal que este uso pode causar tanto na saúde quanto no contexto social.

Como dito anteriormente, o objetivo do plano de intervenção aqui apresentado é expor aos sujeitos que fazem parte do ambiente escolar (alunos, professores e pais) os danos provocados pelo uso de drogas lícitas e ilícitas como um meio de prevenção no uso dessas drogas. Para tanto, os objetivos específicos do projeto são: observar algumas características relevantes para a pesquisa no ambiente escolar, identificar se os professores já trabalharam ou trabalham com a temática “drogas” em sala de aula, levantar dos professores algumas informações sobre o uso de drogas pelos alunos, organizar palestras sobre as consequências no uso das drogas. Dessa forma, o plano de intervenção obedecerá a seguinte metodologia:

- Será utilizado dois sábados letivos da escola para o desenvolvimento dos ciclos de palestras, oportunidade em que os pais dos alunos também serão convidados a participar.

- Cada palestra terá duração de uma hora e meia, se iniciando as 8:00 horas da manhã até as 11:30 h.

Os temas abordados em cada palestra serão realizados conforme tabela logo abaixo:

Tabela 3: Palestras com os temas que serão abordados no plano de intervenção

	Palestras	Palestras
1º Sábado	Fatores que levam crianças	Consequências do uso de

	e adolescentes a usarem drogas.	drogas para a saúde.
2º Sábado	Drogas: um caminho sombrio.	Drogas? “Tô” fora!

Fonte: SANTOS E OLIVEIRA, 2015.

Para as palestras, serão convidadas pessoas que têm especialidades nos temas a seguir:

1ª Palestra: Fatores que levam crianças e adolescentes a usarem drogas.

Esta palestra será ministrada pelas próprias autoras do projeto, por meio do levantamento teórico realizado, mostrarão os principais fatores por trás do uso das drogas, a fim de conscientizar os alunos e os pais sobre este uso, mostrando dados reais encontrados por pesquisadores da área.

2ª Palestra: Consequências do uso de drogas para a saúde.

Nessa palestra, será convidado alguém da área da saúde, um médico ou enfermeiro, para mostrarem os danos das drogas no organismo tanto de quem usa como de quem convive em ambiente com pessoas que usam drogas.

3ª Palestra: Drogas: um caminho sombrio.

Para esta palestra, será convidado um especialista do setor dos narcóticos da polícia civil do Estado, a fim de mostrar as consequências de quem é pego e de quem incentiva crianças e jovens a usarem drogas.

4ª Palestra: Drogas? “Tô” fora!

Nessa palestra, as autoras do projeto farão uma síntese dos temas abordados a fim esclarecer algumas dúvidas que porventura surjam durante os ciclos de palestras. Nesse momento também os pais, os alunos e os professores serão convidados a darem suas opiniões sobre o tema discutido.

Dessa forma, ao término do projeto, esperamos conscientizar todos para o combate às drogas perante as crianças e os adolescentes, e até mesmo mostrar para seus pais e responsáveis os riscos que o uso das drogas provoca à saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, é proposto um projeto de intervenção na EMEF Manoel Bonfim, que fica localizada no 5º Distrito/Bugio, na cidade de Aracaju, com a finalidade de promover a prevenção e o combate ao uso de drogas lícitas e ilícitas no ambiente escolar, com foco no aluno, pais e professores.

Este projeto é fundamentado na orientação do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente, com o qual se espera uma resposta consistente para a propositura de intervenção escolar. A base de dados de pesquisa selecionada, compatível com o contexto da proposta de intervenção, corresponde a um local onde existem registro em quantidade suficiente para se propor uma intervenção positiva.

Acrescenta-se que neste trabalho o projeto de intervenção é tratado em caráter qualitativo e seu objetivo primordial é a própria definição das ações que irão compor a elaboração do projeto interventivo escolar, centrado em palestras e comunicações que evidenciam os danos e efeitos das drogas.

É importante destacar que o projeto de intervenção na EMEF Manoel Bonfim apresentado neste trabalho foi organizado tendo como base um diagnóstico que mostrou as condições reais do local de estudo, podendo ser uma referência para a propositura de um conjunto de ações e programas de ordem pedagógica efetiva de prevenção e combate ao uso de drogas no meio escolar.

Neste sentido, são elencados vários mecanismos, no sentido da prevenção e do combate ao uso de drogas, a serem aplicados, sendo destacado o Ciclo de Palestras de cunho conceitual-educativo.

É pertinente concluir que o Plano de Intervenção aqui apresentado será importante no ambiente escolar em questão, pois tomando por base as concepções dos professores chega-se à conclusão da relevância em transmitir informações necessárias aos pais, aos alunos e aos próprios professores sobre o tema “drogas”, objetivando apresentar os riscos, os danos e os efeitos destrutivos provocados pelo uso contínuo dessas substâncias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAVARSE, G. M. A.; CARVALHO, M. D. B. Álcool e adolescência: o perfil de consumidores de um município do norte do paraná. **Esc Anna Nery R Enferm**, 2006 dez; 10 (3): 408 - 16.

BARROS, M. A.; PILLON, S.C. Programa saúde da família: desafios e potencialidades frente ao uso de drogas. **Rev Eletr Enferm** 2006; 8(1): 144-9. Disponível em http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_1/revisao_02.htm.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal n  8069, de 13 de julho de 1990.

BAUS, J.; KUPEKB, E.; PIRESA, M. Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. **Rev. de Saúde Pública**, v. 36, n 1, São Paulo, fev. 2002.

Disponível em < <http://www.scielo.org/pdf/rsp/v36n1/8114.pdf> > acesso em 28/02/2015.

CARLINNI-MARLAT B. Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem. In: ABRAMO, H. W; BRANCO, P. P. M. **Organizadores. Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Funda o Perseu Abramo; 2005.

COSTA, M. dos S.. **Consumo de drogas e dependência química: qual dos dois é o verdadeiro vilão para a sociedade?** Anais/GT12, 2009.

CASTRO, M. S; ROSA, L. C. dos S. **Preven o do uso de drogas: adolescência, família e escola**. Universidade Federal do Piauí. 2010.

Disponível em http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.7/GT_07_10_2010.pdf > acessado em 20/02/2015.

GALDURÓZ, J.C.F.; NOTO, A.R.; NAPPO, A.S.; CARLINI, E.A. Uso de drogas psicotrópicas no brasil: pesquisa domiciliar envolvendo as 107 maiores cidades do país – 2001. **Revista Latino-americana de Enfermagem**. N  13, 2005.

Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13nspe/v13nspea17.pdf> > acessado em 28/02/2015.

SZADKOSKI, C. M. A. A violência nas escolas: causas e consequências. In: ALMEIDA, M. da G. B. **A Violência Na Sociedade Contemporânea**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MARCONE, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Educa o escolar e cultura (s): construindo caminhos. **Educa o escolar e cultura**, 2003.

Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a11.pdf> > acessado em 15/07/2015.

NJAINE, K.; MINAYO, M. C. de S. Violência na escola: identificando pistas para a preven o. **Comunic, Saúde, Educ**, v.7, n13, p.119-34, ago, 2003.

PRIOTTO, E. P., BONETI, L. W. VIOLÊNCIA ESCOLAR: na escola, da escola e contra a escola. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-179, jan. /abr. 2009.

PINHEIRO, A.; PICANCO, P.; BARBEITO, J. A realidade do consumo de drogas nas populações escolares. **Rev Port Clin Geral** [online]. 2011, vol.27, n.4, pp. 348-355. ISSN 0870-7103.

Disponível em < <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpcg/v27n4/v27n4a05.pdf> > acessado em 20/02/2015.

ROEHRS, H.; LENARDT, M. H.; MAFTUM, M. A. Práticas culturais familiares e o uso de drogas psicoativas pelos adolescentes: reflexão teórica. **Escola Anna Nery Rev Enfermagem**, 2008 jun; 12 (2): 353 -7.

RUOTTI, C. Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n.1, p. 339-355, jan. /abr, 2010.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. **Ciência Saúde Coletiva**. 2003; 8:299-306.

SOLDERA, M.; DALGALARRONDO, P.; FILHO, H. R. C.; SILVA, C. A. M. Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados. **Revista pública de Saúde**. 2004, 38: (2).

SOARES, J. M. Família e escola: parceiras no processo educacional da Criança. **Revista Educação e tecnologia**, 2012.

Disponível em <http://www.planetaeducacao.com.br/porta/imagens/artigos/educacaoetecnologia/ARTIGO-FAMILIA-ESCOLA-.pdf> > acessado em 15/07/2015.

TAVARES, B. F.; BÉRIA, J. U.; LIMA, M. S. de. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. **Revista Saúde Pública**. 2001;35(2):150-158.

Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v35n2/4399.pdf> > acessado em 20/02/2015.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 7. ed. São Paulo: Libertad, 1989.

VIEIRA, P. C.; AERTS, D. R. G. de C.; FREDDO, S. L.; BITTENCOURT, A.; MONTEIRO, L. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares em município do Sul do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 24(11):2487-2498, nov, 2008.

Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n11/04.pdf> > acessado em 20/02/2015.

<http://pt.slideshare.net/Claudemirarocha/esboco-do-projeto-de-intervencao-educacional-nova-verso>.

Apêndice 1

Roteiro de observação

1. Estado de conservação da escola:

Ótimo () Bom () Razoável () Ruim ()

2. Espaços físicos que a escola possui e suas quantidades:

Sala de aulas ()____; Bibliotecas ()____; cozinhas ()____; cantinas ()____; refeitório ()____; sanitários para adultos ()____; sanitários para crianças ()____; lixeiras ()____; laboratórios de informática ()____; quadras ()____; secretarias ()____; sala de arquivo e almoxarifado ()____; pátio para recreação ()____

3. Recursos didáticos disponíveis no colégio

Apêndice 2

Roteiro de entrevista realizada com a coordenadora pedagógica

1. Como é a relação professor-aluno (como se comportam, como interagem, conversam, brigam, gritam?);
2. Como é a relação aluno e diretoria/secretaria/equipe pedagógica (como se relacionam?);
3. Como ocorre a interação entre os alunos na escola (durante as aulas e durante o (s) intervalo (s));
4. A escola realiza projetos com os alunos (Quais? Todos os anos?);
5. Existem projetos interdisciplinares na escola?
6. Conselho escolar (Existe? É atuante? Quem participa? Como funciona?);
7. Quais são os assuntos abordados nas reuniões de pais?

Apêndice 3
Questionário para ser aplicado aos professores

- Identificação

Nome: _____

Idade: _____

A quanto tempo leciona: _____

Curso superior: _____

Possui pós-graduação? Caso sim, em que: _____

1) Já ouviu algum relato de aluno em relação ao uso de álcool ou cigarro por parte dos pais? Ao ouvir um relato dessa natureza qual sua reação?

2) Já presenciou algum aluno fazendo uso de cigarro, bebidas alcoólicas ou outros tipos de drogas, dentro ou fora do colégio?

3) Existem, na grade curricular, disciplinas que esclareçam o uso e os efeitos das drogas no organismo do indivíduo?

4) Nas reuniões de pais há preocupação de dar informações aos mesmos a respeito do uso de drogas pelos seus filhos?

5) A direção da escola organiza eventos periodicamente para esclarecer os estudantes acerca do uso das drogas?

6) Existe projeto educacional no âmbito da escola, tendo como prioridade ações informativas a respeito da prevenção do uso de drogas?

7) Em sua opinião, qual o principal fator que determina o uso de drogas nas escolas?